

VIVA A FAVELA

A liberdade, o sujeito e as formas de ação política no campo midiático⁵⁷

Ramon Bezerra COSTA⁵⁸

RESUMO: Nos últimos anos, com a realização dos Fóruns e Prêmios de Mídia Livre do Ministério da Cultura, o termo “mídia livre” tem sido muito utilizado para caracterizar formas de ação política no campo midiático. Diante disso, o trabalho reflete sobre o sentido que a liberdade adquire em uma iniciativa que se reconhece como “mídia livre”: o Projeto Viva Favela. Em primeiro lugar, é apresentado o estudo que originou este trabalho e, em seguida, a partir das contribuições de Michel Foucault, reflete-se sobre como a liberdade aparece na iniciativa pesquisada. Refletir sobre a liberdade é uma maneira de problematizar os processos utilizados pelos sujeitos que atuam nas “mídias livres” para se constituir e pensar sua atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias livres. Projeto Viva Favela. Práticas de liberdade. Sujeito.

ABSTRACT: In recent years, with the completion of the Forums and “Mídia Livre” Awards of the “Ministério da Cultura”, the term “mídia livre” has long been used to characterize forms of political action in the media field. Thus, the work reflects on the sense that freedom takes on an initiative that recognizes itself as “mídia livre”: “Viva Favela” Project. Firstly, it is presented the study that originated this work and then from the contributions of Michel Foucault, reflects on how freedom appears in the initiative researched. Reflecting on freedom is a way to problematize the processes used by the subjects participating in the “mídia livre” to be constitute and think about his performance.

KEYWORDS: “Mídia Livre”. “Viva Favela” Project. Practices of freedom. Subject.

⁵⁷ Este artigo tem origem na pesquisa desenvolvida durante o mestrado acadêmico do autor, que foi realizado com bolsa do International Fellowship Program Ford Fund (IFP).

⁵⁸ Mestre e doutorando em Comunicação pelo PPGC/UERJ. Email: ramonbzc@gmail.com.

1. Introdução

Em junho de 2008, aconteceu no Rio de Janeiro o I Fórum de Mídia Livre. Este evento surgiu a partir da reunião de um grupo de pesquisadores e profissionais da comunicação, que se encontrou, em março do mesmo ano, para refletir sobre o impedimento que é a concentração dos meios de comunicação para a democracia (PALHARES, 2008). Após o Fórum, foi lançado o “Manifesto de Mídia Livre”⁵⁹, a partir do qual é possível perceber as questões do que se pode chamar de “movimento das mídias livres” que estava surgindo. O documento aponta a necessidade da garantia integral do direito humano à comunicação por ser uma condição básica para o fortalecimento da democracia e critica o controle comercial dos sistemas de comunicação no Brasil. As propostas descritas no manifesto estão ligadas ao fortalecimento da chamada mídia livre, propondo ações que incentivem o surgimento dessas iniciativas e/ou fortalecimento das que já existem, além da busca por políticas democráticas de comunicação, apontando a necessidade de um novo marco regulatório para o setor.

No ano seguinte, aconteceu a segunda edição do Fórum de Mídia Livre em Vitória/ES e uma edição Mundial desse evento, o I Fórum Mundial de Mídia Livre, juntamente com as atividades do Fórum Social Mundial em Belém/PA. Nesse ano, inspirado nos Pontos de Cultura⁶⁰, o Ministério da Cultura lança a primeira edição do Prêmio Pontos de Mídia Livre e em 2010 a segunda⁶¹. A partir desse cenário, diversas iniciativas passam a se reconhecer como mídia livre e algumas pessoas como “midialivristas”.

As aspirações, conforme é percebido no Manifesto, apontam questões já defendidas no âmbito dos movimentos que atuam na interface comunicação e cidadania. Apesar disso, o movimento nascente utiliza outra terminologia para se caracterizar. Não é objetivo aqui questionar o motivo pelo qual é utilizado um novo termo, mas refletir sobre o que a liberdade parece indicar nessas práticas que se intitulam livres.

⁵⁹ O manifesto está disponível em <<http://forumdemidialivre.blogspot.com/2008/10/manifesto-da-mdia-livre.html>>. Acesso em: 18 out. 2011. O documento recebeu assinatura de 43 entidades, movimentos e instituições nacionais, 42 entidades, movimentos e instituições regionais, 29 veículos de mídia e 203 pessoas físicas, entre membros de universidade, jornalistas e sociedade civil em geral.

⁶⁰ São iniciativas públicas ou privadas, sem fins lucrativos, selecionadas por meio de edital público ou seleção direta, que desenvolvem atividades de formação, produção e difusão cultural junto à comunidade local e que fazem parte do Programa Cultura Viva e do Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura.

⁶¹ Mais informações e detalhes sobre o movimento das mídias livres em COSTA (2012) e SILVA (2011).

No intuito de problematizar essa questão, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa por meio de entrevistas semi-abertas e análise de alguns conteúdos de uma iniciativa que se reconhece como mídia livre e atua na cidade do Rio de Janeiro: o Projeto “Viva Favela”⁶², um portal na internet com notícias sobre favelas cariocas e áreas com características parecidas em outros estados. Durante seis meses, os conteúdos publicados no portal foram acompanhados diariamente. Além disso, foram entrevistados, através de questionário online, 16 correspondentes⁶³ do Projeto Viva Favela. Esse foi o corpus utilizado na pesquisa que originou as reflexões que serão apontadas em seguida.

É importante esclarecer o que se está considerando como “formas de ação política no campo midiático”. Utiliza-se essa expressão em referência a terminologias como “comunicação popular”, “comunitária”, “mídia alternativa”, “tática” e “ativismo de mídia”. Cada uma dessas expressões possuem particularidades e diversos pesquisadores já se dedicaram ao trabalho de pensá-las. Mas, conforme ficou evidente na pesquisa, há iniciativas que se identificam com várias dessas nomenclaturas ao mesmo tempo, utilizando essas expressões como sinônimas.

Diante disso, mais importante do que a nomenclatura e seu significado é o fenômeno ao qual se refere. Por isso, optou-se por não utilizar nenhum dos termos mencionados anteriormente para “explicar” as mídias livres e fazer uso de uma expressão genérica o suficiente para não “carregar” o fenômeno observado com sentidos concebidos anteriormente. Assim, formas de ação política no campo midiático não é um novo conceito, mas apenas um termo usado para fazer referência às práticas indicadas anteriormente sem preenchê-las de sentido *a priori*.

2. Sobre as práticas de liberdade

A partir da pesquisa que foi realizada, percebe-se uma tendência entre os correspondentes do Projeto Viva Favela (VF) em se considerar “livres”. E essa tendência não parece ter relação direta com os Fóruns de Mídia Livre citados anteriormente, tendo em vista que há quem se considere “midialivrista” mesmo sem conhecer ou ter participado desses Fóruns. Diante disso, a liberdade aparece como a possibilidade de produzir e pôr em

⁶² Endereço do portal: <http://vivafavela.com.br>.

⁶³ Pessoas de qualquer parte do país que se cadastraram no Portal Viva Favela e publicam conteúdos sobre favelas e áreas com características parecidas pelo Brasil.

circulação o que quiser, não sofrer interferências externas, não ter foco no lucro e reunir conteúdo e ferramentas técnicas livres de controles como os direitos autorais.

Além disso, possivelmente relacionado ao fato de se considerarem livres, a liberdade não parece ser algo que se está buscando e aproxima-se mais da afirmação de algo que se tem, de uma condição. Essa percepção, por sua vez, parece ter muita relação com a dimensão tecnológica, em especial com a digitalização dos meios de comunicação, que facilitam os processos de produção e circulação de conteúdos, causando mudanças nos campos político, cultural e econômico (LEMOS, 2007). Mas de que forma a liberdade se relaciona com a iniciativa estudada? E de que maneira refletir sobre a noção de liberdade contribui para pensar as mídias livres?

A maneira como a noção de liberdade aparece na obra de Michel Foucault ajuda a refletir sobre essas questões. Esse tema aparece em Foucault, em geral, de duas formas (CASTRO, 2009). Primeiro no contexto das “relações de poder”, onde a liberdade não é uma oposição ao poder, mas uma condição de sua existência. E a segunda voltada à ética e à subjetivação e diz respeito aos procedimentos que o sujeito toma para se constituir.

Sobre a primeira forma, ao falar de liberdade, é preciso não confundi-la com “liberação”, pois esta pode induzir a pensar que existe uma natureza ou essência humana que foi aprisionada ou alienada por mecanismos de repressão, e bastaria romper essas “barreiras” para que o sujeito restaure sua relação plena e positiva consigo mesmo (FOUCAULT, 2010a). Foucault esclarece:

Não quero dizer que a liberação ou que essa ou aquela forma de liberação não existam: quando um povo colonizado procura se liberar do seu colonizador, essa é certamente uma prática de liberação, no sentido estrito. Mas é sabido, nesse caso aliás preciso, que essa prática de liberação não basta para definir as práticas de liberdade que serão em seguida necessárias para que esse povo, essa sociedade e esses indivíduos possam definir para eles mesmos formas aceitáveis e satisfatórias da sua existência ou da sociedade política. É por isso que insisto, sobretudo, nas práticas de liberdade, mais do que nos processos de liberação, que mais uma vez tem seu lugar, mas que não me parecem poder, por eles próprios, definir todas as formas práticas de liberdade. (FOUCAULT, 2010a, p. 265-266).

A “liberação” é necessária em contextos nos quais as “relações de poder”⁶⁴ foram cristalizadas ou bloqueadas em “estados de dominação” (ditaduras e regimes de exceção, por exemplo). Aplicando esta reflexão ao campo da mídia, é possível imaginar a necessidade de uma “liberação” frente ao monopólio da produção discursiva e de sentidos comandado pelas empresas de mídia. Mas diante do número de iniciativas que surgem fora dessas empresas, como o Projeto Viva Favela e diversas outras⁶⁵, há um ambiente claro de disputa nas relações de poder. Por isso, essas iniciativas parecem estar mais próximas das “práticas de liberdade” que Foucault (2010a) fala.

É importante enfatizar que no pensamento de Foucault (2010a) só podem existir práticas de liberdade onde relações de poder substituem as relações de dominação. No estado de dominação dos sujeitos, marcado pela censura e exclusão, a liberdade não é possível, visto que não há movimento. Já nas relações de poder, há sempre resistências aos diversos poderes, há movimento. O poder não impede a liberdade, somente a limita (FOUCAULT, 2010a). Assim, não há uma relação de exclusão e oposição entre poder e liberdade. A liberdade, inclusive, é condição de existência do poder, entendido por Foucault não como “uma coisa”, mas como relações que se estabelecem em diversos campos (FOUCAULT, 2010a).

Nessa primeira perspectiva, encontra-se certa ressonância com as mídias livres a partir do que foi observado durante a pesquisa: os sujeitos dessas iniciativas são livres e resistem porque atuam em relações de poder. Mas este argumento é simplório e generalista, embora pareça fazer sentido. Já que essas iniciativas atuam em relações de poder, quer dizer que utilizam e/ou criam práticas de liberdade, que, a partir de Foucault (2010a), devem ser entendidas como experiências, práticas e inventos. Mas em que poderiam consistir essas práticas de liberdade nas mídias livres?

Aqui entra a segunda forma como Foucault (2010a) percebe a liberdade. Para este filósofo, as práticas de liberdade estão relacionadas a liberar o desejo e conduzi-lo eticamente na relação com os outros, pois “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 2010a, p. 267). Essa compreensão da

⁶⁴ No pensamento de Foucault (1984) as “relações de poder” não são originalmente más e dizem respeito a relações presentes em vários campos sociais: família, trabalho, política etc.

⁶⁵ O número de inscritos no Prêmio Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura é um exemplo da quantidade de iniciativas de mídia que surgem fora das grandes corporações midiáticas. Só na primeira edição, 400 iniciativas, de todo o Brasil, se inscreveram.

liberdade, em relação à ética, Foucault vai buscar na filosofia grega. Para os gregos, a liberdade era tratada como um problema ético, isto é, como maneira de ser e se conduzir. Então, o sujeito que tem um belo *ethos* é aquele que “pratica a liberdade de certa maneira” (FOUCAULT, 2010a, p. 270).

Nessa relação da liberdade com a ética entra a questão do “cuidado de si” e da “estética da existência” na obra de Foucault (2006; 2010a; 2010b). O autor observa com os gregos que o cuidado de si é uma forma de controlar seus desejos, suas paixões e estabelecer consigo uma relação de domínio e controle dos impulsos e vícios, para assim ser livre. É também uma maneira de controlar, de limitar o poder. A ética, na perspectiva do cuidado de si, é entendida como prática racional, como escolha. É nesse sentido que é uma forma de liberdade.

Assim, o “cuidado de si” leva a uma busca ética da existência, isto é, a partir da liberdade que se tem esforça-se para dar à própria vida certa forma, construí-la como uma obra de arte pessoal, por isso Foucault (2010b) vai chamar esse processo de uma “estética da existência”. Foucault (2010b) considera que na antiguidade greco-romana o sujeito livre buscava diversas formas para se constituir, procurava agir de maneira que os outros e a posteridade pudessem encontrar nele um exemplo, era uma busca ética pessoal, sem a adoção de um modelo único. É claro que o sujeito adotava modos de vida coletivos, mas escolhia, racionalmente, diante de diversas possibilidades. Mas com o advento do cristianismo, a busca moral do sujeito passa a relacionar-se com a aceitação de um conjunto de regras e normas (FOUCAULT, 2010a). Porém, há alguns séculos, essa forma de se constituir a partir da obediência a um conjunto de regras perde força e dá lugar “a uma busca que é aquela de uma estética da existência” (FOUCAULT, 2010b, p. 290). Foucault (2010b) sugere que atualmente se experimenta formas de constituir-se que estão próximas da “estética da existência” observada por ele na antiguidade grega, em detrimento da simples adoção de um conjunto de regras.

O enfraquecimento dos fundamentos e normas que ditam como a pessoa deve agir não se deu apenas no campo religioso, mas também na política e na ciência, por exemplo. O partido político e as ciências têm seu lugar de fonte de verdade e orientação questionado e enfraquecido. Essa ideia também aparece em Latour (1994) quando analisa o Projeto Moderno, que, segundo ele, nunca chegou a se concretizar. Diante disso, os sujeitos são

menos constituídos, de maneira única, por referências externas, como ideologias de partidos políticos, e buscam modos de ser que passem pelo seu julgamento. É importante ressaltar que, essa busca por se constituir, ou essas “práticas de si”, como diz Foucault (2010a), “são esquemas que ele [o sujeito] encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (FOUCAULT, 2010a, p. 276). Nesse sentido, ao buscar modos de ser para se constituir, o sujeito cria algo, mas criação, nesse contexto, não é a expressão de algo novo e surpreendente, mas sim o que é feito com os esquemas e padrões que o sujeito encontra no mundo.

3. Sujeito, liberdade e mídias livres

Na perspectiva do que foi apresentado é que se percebe aproximação com o fenômeno das mídias livres analisado. Não parece existir orientação única entre as pessoas que fazem o Projeto Viva Favela ou mesmo no “movimento das mídias livres”, o que não quer dizer ausência de orientação. O foco principal parece ser a divulgação de experiências singulares existentes nas favelas. O que é expresso são menos críticas ou denúncias e mais maneiras de ser e fazer algo, possivelmente em busca de alcançar um lugar e se valorizar. O foco é menos divulgar o tema de uma campanha ou partido, por exemplo, e mais expressar e afirmar modos criativos e singulares de viver. E esses modos de ser não vêm de apenas um lugar, é um misto de coisas, talvez próximo do que Bentes (2007) chama de discurso político “fora de lugar”. Embora não pareça ser, necessariamente, “fora de lugar”, e sim uma multiplicidade de lugares e combinações, a ideia geral parece se aproximar do que foi observado.

Essa cultura das favelas e periferias (música, teatro, dança, literatura, cinema), surge como um discurso político “fora de lugar” (não vem da universidade, não vem do Estado, não vem da mídia, não vem de partido político) e coloca em cena novos mediadores e produtores de cultura: rappers, funkeiros, b-boys, jovens atores, performers, favelados, desempregados, sub-empregados, produtores da chamada economia informal, grupos e discursos que vêm revitalizando os territórios da pobreza e reconfigurando a cena cultural urbana. Transitam pela cidade e ascendem à mídia de forma muitas vezes ambígua, podendo assumir esse lugar de um discurso político urgente e de renovação num capitalismo da informação. (BENTES, 2007, p.02).

Na fala dos correspondentes do Projeto Viva Favela entrevistados, observa-se que não há uma orientação política, ideológica ou respeito a uma hierarquia. Isso pode ser notado ainda na edição, sobre Literatura, da Revista do Projeto Viva Favela⁶⁶, na qual alguns dizem terem percebido que “a vida é possível” por meio da poesia, ou mesmo que o “rap” ajuda a “trocar uma ideia”, é de onde parecem tirar orientações para sua vida cotidiana.

A prioridade em divulgar e valorizar maneiras de ser e fazer é muito evidente em outros conteúdos do Viva Favela. Inúmeras formas de trabalho que são experimentadas e se mostram como tentativas de burlar a pobreza são exemplos disso. Feirantes, vendedores de CDs e DVDs em feiras e educadores de rua ilustram isso. Mas também há experiências mais diversas, como é o caso do produtor e diretor de clipes “Vras 77”, morador da Brasilândia (Distrito de São Paulo), que construiu seus próprios equipamentos e produziu clipes para artistas do rap nacional. Outra experiência interessante é a do contor Bhega, que diante do desemprego criou uma maneira de garantir seu sustento aliando coisas que gosta. Ele colocou sistema de som em uma bicicleta e passou a circular pelos becos da Maré⁶⁷ fazendo propagandas dos comércios e divulgando sua música. O texto da correspondente Daniella Guedes Rocha (2011, s/p) sobre o Bhega ilustra bem isso:

Auxiliar de serviços gerais, ajudante de pista do aeroporto internacional, maqueiro do Hospital Miguel Couto, ourives, desempregado. Plim! Por que não colocar um som em uma bicicleta, oferecer este serviço aos comerciantes? “O carro de som só passa nas ruas principais, a bicicleta entra nos becos, fala para as mulheres em suas cozinhas”. E junta sua música à propaganda do comércio, e divulga sua voz ao lado do preço dos ovos no supermercado, e une ao trivial conscientização sobre ecologia e cidadania.

Outro exemplo significativo está no vídeo “Quarto sonoro”, produzido por Renata Sequeira (SEQUEIRA, 2010), que conta a história de Renato Oliveira, morador de uma favela carioca que transformou seu quarto em um estúdio no qual pode gravar, editar e distribuir suas músicas. Os objetos característicos de um quarto foram saindo aos poucos, até que a cama foi substituída por um pequeno colchão. Sua motivação inicial foi ter meios para gravar as músicas que compunha, mas com o tempo, sentiu necessidade de adquirir mais equipamentos para gravar não só as suas, mas também as de outras bandas. Além de

⁶⁶ O Projeto Viva Favela possui uma “revista multimídia” que é bimestral e temática. Até julho de 2012 foram publicadas 11 edições. A edição sobre Literatura está disponível em: <<http://vivafavela.com.br/revistas/literatura-na-periferia>>. Acesso em: 20 set. 2012.

⁶⁷ A Maré é um complexo com 16 favelas situado à margem da Baía da Guanabara na cidade do Rio de Janeiro.

equipamentos como mesas de som e instrumentos musicais, eram necessários softwares para fazer o estúdio funcionar. Nesse sentido os softwares livres⁶⁸ foram fundamentais, pois permitiram acesso aos programas para edição de áudio, vídeo e gráficos (para criar as capas dos cd's) sem custo. Para distribuir as músicas, mais uma vez o ambiente digital foi central: os diversos sites especializados permitiram isso⁶⁹, sem a necessidade de mediadores convencionais como as gravadoras.

Diante dessas experiências e outras observadas no Viva Favela, é como se os sujeitos que fazem essas práticas dissessem; usando termos comuns em seu vocabulário: “não tenho como me enquadrar nos modos de vida do ‘asfalto’ porque não domino aqueles códigos e nem tenho dinheiro para isso, então crio experiências e maneiras de fazer que sejam compartilhadas pelos outros onde vivo”.

A criação, pelos moradores das favelas, dessas experiências acessíveis a si mesmos, as quais contribuem para que eles possam se constituir como sujeitos, se reconhecerem entre si e se valorizarem, seja no campo do lazer ou do trabalho, não seria também uma forma como aparece o direito à comunicação⁷⁰ nesse contexto? Maneira essa que não vem da academia nem dos movimentos sociais, ou mesmo está organizada. Sugere-se isso porque o que está em jogo é a elaboração e afirmação de maneiras de estar no mundo, que buscam ser compartilhadas e aceitas entre os moradores para a criação de “territórios existenciais”⁷¹. E a elaboração ou afirmação dessas maneiras de ser é um processo essencialmente comunicativo, ou midiático, no sentido em que passa pela mediação de instrumentos sócio-tecnológicos. Assim, o direito ou acesso à comunicação é que permitiria a divulgação dessas formas de estar no mundo.

⁶⁸ Os softwares livres, de maneira geral, podem ser entendidos como qualquer programa de computador que pode ser usado, estudado e distribuído sem restrições.

⁶⁹ Um exemplo de site dessa natureza é o Palco MP3: <<http://palcomp3.com/>>. Mas há também diversas outras iniciativas que não só facilitam a circulação de conteúdos como também criam outros modelos de negócios. É o caso do Circuito Fora do Eixo: <<http://foradoeixo.org.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

⁷⁰ O direito à comunicação é uma noção que ganhou força no início dos anos 2000, embora seja debatida desde a década de 1960. Ela tem relação não somente com a defesa da liberdade para se expressar, mas também com a garantia dos meios para isso. No momento em que o Estado reconhece a comunicação como um direito é obrigado a garanti-lo através de políticas públicas, que ofereçam as condições materiais para a expressão. Sobre esse conceito: UNESCO (1983) E INTERVOZES (2005).

⁷¹ Essa ideia diz respeito “tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’” (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 388).

Nesse sentido, percebe-se também a relação com as tecnologias, que não definem esses processos, mas participam deles. Os desejos de burlar a pobreza e afirmar modos de ser, por exemplo, se utilizam das tecnologias para esse fim: colocar sistema de som em uma bicicleta para divulgar músicas e gerar renda, transformar o quarto em estúdio para gravar e distribuir músicas, construir equipamentos para fazer vídeo, além de utilizar um portal na internet com informações sobre a favela são alguns exemplos.

Vale lembrar que, nesse ambiente, os sujeitos parecem ser constituídos⁷² da forma mais singular⁷³ possível: inventando cortes de cabelo, vestimentas, formas de falar, dançar e estar no mundo⁷⁴. Nos primeiros anos do Projeto Viva Favela foi criado um site chamado “Beleza Pura”⁷⁵, voltado para moda e beleza das mulheres da favela, onde é notória a tentativa de uma singularização no campo estético. No *hip hop*, tema de inúmeros conteúdos do portal Viva Favela, isso também está muito presente nas roupas, cortes de cabelo, tom e formas de falar, além de também ser, conforme foi dito por um dos correspondentes do Projeto, “uma filosofia e uma maneira de se comunicar”. Não são formas originais, no sentido de que seriam criadas sem referências anteriores, mas singulares porque são frutos de mudanças e adequações, isto é, de um arranjo de códigos particulares.

Os exemplos dos parágrafos anteriores ilustram um pouco de como as pessoas que fazem e/ou estão nas mídias livres trabalham sua estética da existência, seja no aspecto cognitivo, intelectual, isto é, buscando ideias que as orientem, ou exterior, visível, como o que está no parágrafo anterior.

Dessa forma, a partir do que foi percebido no Viva Favela, a sugestão é que a liberdade nas chamadas mídias livres parece se aproximar da busca por um determinado jeito de estar no mundo, de ter um lugar e valorizá-lo. Exemplo disso também pode ser encontrado

⁷² Entende-se sujeito não como essência, mas como forma variável que está sempre se reconstituindo a partir das relações nas quais se insere (FOUCAULT, 2010b).

⁷³ Entende-se “singular” no sentido apresentado por Hardt e Negri (2005) da “singularidade”, como uma tentativa de sair da ideia de individualidade, que segundo eles seria substancial, para levar em consideração as diferenças e mudanças permanentes presentes nos sujeitos.

⁷⁴ A série “Periferas Musicais”, que consiste em 16 web documentários sobre a vida e o trabalho de artistas de favelas do Rio de Janeiro, também é um exemplo disso. Mais informações em: <<http://vivafavela.com.br/periferas>>. Acesso em: 20 set. 2012.

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.belezapura.org.br/>>. Acesso em: 20 set. 2012. Trecho da descrição do site: “foi criado para as mulheres que vivem nas favelas e periferias brasileiras. Mulheres que trabalham muito, dormem pouco, cuidam dos filhos e ainda acham fôlego para estudar ou para estar com o companheiro. Mulheres que sabem que o mês quase sempre é maior do que o salário, mas nem por isso deixam de gastar um dinheirinho para ficar mais bonitas”.

nas tentativas de “reinventar a comunidade” para além das representações de violência, fazendo e valorizando outros referenciais de vida – um dos objetivos do Viva Favela. E, em detrimento da violência, valorizam-se as festas, as memórias, invenções e tudo de singular das favelas e áreas com características parecidas.

A relação observada aqui entre liberdade e mídias livres parece se aproximar de como Antoun e Malini (2010) percebem essas questões:

Hoje o cerne do debate sobre liberdade está no direito de produção autônoma de formas de vida, que não sejam atravessadas pela força estatal nem pela mercantilização do capital, mas por “direitos comuns” que as protejam e as liberem ao mesmo tempo (ANTOUN; MALINI, 2010, p. 03).

Assim, “a questão deixa de ser a eliminação do que nos ameaça para se tornar a construção ou invenção do que nos interessa” (ANTOUN; MALINI, 2010, p. 07). E a liberdade entra nessa tentativa de realizar o desejo de construir “o que nos interessa”, cuja construção requer condições materiais, além do uso das tecnologias (como o portal na internet, por exemplo). Para tanto, são firmadas parcerias com o poder público e/ou a iniciativa privada por meio de editais, prêmios e fundos de financiamento (como o Prêmio Pontos de Mídia Livre), isto é, são buscadas estratégias para auxiliar e/ou sustentar as práticas de liberdade.

Vale lembrar a maneira como Foucault (2000) apresenta a questão da liberdade quando ele discute as noções de “uso público e privado da razão” a partir de Kant. De acordo com o filósofo francês, o espaço privado é qualquer um em que o saber e o poder determinam a fala de alguém. É o lugar onde a “obrigação social” determina a fala. Assim, o sujeito não é livre. O homem, diz Foucault (2000) a partir de Kant, faz “uso privado da razão” e, portanto não é livre, quando é

“(…) uma peça de uma máquina”; ou seja, quando ele tem um papel a desempenhar na sociedade e funções a exercer: ser soldado, ter impostos a pagar, dirigir uma paróquia, ser funcionário de um governo, tudo isso faz do ser humano um segmento particular da sociedade; por aí, ele se encontra colocado em uma posição definida, em que ele deve aplicar as regras e perseguir fins particulares. (...) Em compensação, quando se raciocina apenas para fazer uso de sua razão, quando se raciocina como ser racional (e não como peça de uma máquina), quando se raciocina como membro da humanidade racional, então o uso da razão deve ser livre e público. (FOUCAULT, 2000, p. 339).

Diante dessa compreensão apresentada por Foucault, parece mais difícil praticar a liberdade e fazer uso livre da razão, tendo em vista que todos têm papéis a exercer: trabalhar em organizações, ser membros de família e outros grupos, os quais influenciam os desejos e formas de agir, por exemplo. O mais importante é perceber, conforme afirma Vaz (1992) a partir de um estudo sobre Foucault, que a liberdade é uma prática e um esforço permanente, ela não existe enquanto essência. Não é algo que está em um lugar ou modo de ser esperando ser alcançado, mas sim “(...) um trabalho incessante, permanente, e não um processo finalista (...)” (VAZ, 1992, p. 120). Nesse sentido, só o fato de existirem iniciativas, como o Viva Favela, já aponta para tentativas de praticar a liberdade. Não é possível afirmar se conseguem ou não ser livres, mas sem dúvida inserem-se na tentativa de exercer a liberdade.

4. Considerações finais

Diante do que foi exposto, a liberdade é pensada na perspectiva do sujeito, como este tenta se constituir livremente. E com isso parece existir um deslocamento, uma mudança de uma análise política centrada nas instituições e suas relações de poder, para outra ligada à ética e às “práticas de si”, relacionada aos modos de constituição do sujeito e de existência. Reconhece-se, como faz Foucault (2010a), a dificuldade em aceitar e investir nesse deslocamento.

O sujeito político foi pensado essencialmente como sujeito de direito, quer em termos naturalistas, quer em termos do direito positivo. Em contrapartida, parece que a questão do sujeito ético é alguma coisa que não tem muito espaço no pensamento político contemporâneo. (FOUCAULT, 2010a, p. 279).

Esse deslocamento parece fundamental em ambientes nos quais o exercício do poder é menos vertical e mais democrático, entrelaçado nas experiências sociais de maneira que nem percebemos, afetando e formatando assim a subjetividade dos sujeitos (PELBART, 2009). Pelbart (2009, p.82) descreve como funciona o poder nesse ambiente:

O poder não pode obter um domínio efetivo sobre a vida inteira da população a menos que se torne uma função integrante e vital que cada indivíduo abraça e reativa por sua própria conta e vontade. É nesse sentido que a vida torna-se um objeto de poder, não só na medida em que o poder tenta se encarregar da vida na sua totalidade, penetrando-a de

cabo a rabo e em todas as suas esferas, desde a sua dimensão cognitiva, psíquica, física, biológica, até a genética, mas sobretudo quando esse procedimento é retomado por cada um de seus membros”. (PELBART, 2009, p. 82).

Negri (2003), a partir de Foucault, parece sintetizar bem esse deslocamento ao falar da perspectiva de atuação nesse ambiente: “(...) resiste-se somente quando se tem a capacidade de construir-se como sujeito” (NEGRI, 2003, p. 183). E só é possível se constituir como sujeito quando se é livre. Talvez por isso, a atuação das mídias livres, como foi percebido no contexto do Projeto Viva Favela, parece se aproximar da busca por valorizar modos de ser, que se aproxima de uma “estética da existência”. Como diz Negri (2003), é ter a capacidade de assumir pelas próprias mãos as condições da própria existência.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. Ontologia da Liberdade na Rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2010. Disponível em: <<http://compos.org.br/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

BENTES, Ivana. Redes Colaborativas e Precariado Produtivo. In: LE MONDE DIPLOMATIQUE (org.). *Caminhos para uma Comunicação Democrática*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007. v. 2.

COSTA, Ramon Bezerra. *Mídias Livres: um estudo sobre formas de ação política no campo midiático*. 2012. 149p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

DELEUZE, Gilles. Capitalismo e esquizofrenia. In: _____. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006a.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Deleuze e Guattari explicam-se. In: _____. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006b.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____.; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de si com prática da liberdade. In: _____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos e Escritos V, 2010(a).

_____. *A hermenêutica no sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. O que são as Luzes? In: _____. *Arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos & Escritos II, 2000.

_____. Uma estética da existência. In: _____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos e Escritos V, 2010(b).

GROS, Frédéric (org). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____.;ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

INTERVOZES. *Direito à comunicação no Brasil*. São Paulo: Intervozes, 2005.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MALINI, Fábio. *O Comunismo da Atenção: liberdade, colaboração e subsunção na era do capitalismo cognitivo*. 2007. 315p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

NEGRI, Antonio. *Cinco Lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PALHARES, Joaquim Ernesto. *Por uma mídia livre*. 2008. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=243&PHPSESSID=8c35361935258a8a18cb1419c768041c>>. Acesso em: 16 out. 2011.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

ROCHA, Daniella Guedes. *Rua B, 45*. Rio de Janeiro: Viva Favela, 2011. Disponível online: <<http://vivafavela.com.br/tudojunto/bhega-0>>. Acesso em: 19 dez. 2011.

SEQUEIRA, Renata. *Quarto Sonoro* [vídeo Online]. Rio de Janeiro: Viva Favela, 2010. Disponível online: <<http://vivafavela.com.br/node/1135>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

SILVA, Danilo Almeida. *Pontos de mídia livre: um capítulo na luta pela democratização da comunicação*. 2011. 62p. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Comunicação Social – Jornalismo). Faculdade Anhanguera de Brasília, Brasília/DF. 2011.

UNESCO. *Um mundo, muitas vozes* [Relatório MacBride]. Rio de Janeiro: FGV, 1983.